A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

º 74 Junho de 1973 ANO IX

CONLUIO SINISTRO

Anuncia-se para meados deste mês, em Washington, o encontro de Nixon com Brezhnev. Os representantes dos monopólios ianques e do social-imperialismo russo mostram-se pressurosos por esta conversação, acertadaa o ano passado em Moscou. Têm em vista passar a uma fase mais elevada de seu conluio para impor ao mundo a hegemonia soviético-norteamericana.

A aliança contra-revolucionária entre os Estados Unidos e a União Soviética - grave ameaça aos destinos da Humanidade progressista - obedece a um plano estratégico de longo alcance. É perseguida e tramada desde que os revisionistas soviéticos, encabeçados por Kruschov, renegaram o socialismo e arrojaram-se sofregamente pelo caminho da volta ao capitalismo. Através de uma linha sinuosa, de manobras, trapaças e regateios, as duas potências foram chegando a um entendimento para estabelecer seu domínio em escala mundial. A reunião de Moscou, em 1972, entre Nixon e Brezhnev marcou um passo adiante nos propósitos de repartir o globo em esferas de influência de cada uma e conter, por todos os meios, a maré montante da luta dos povos por sua liberdade e independência.

Após esse encontro, os dois parceiros empenharam-se a fundo em concretizar seus objetivos. Acionaram vários mecanismos de pressão para liquidar o movimento libertador dos povos, em especial os destinados a abafar a resistência indochinesa e a palestina. Aceleraram a corrida armamentista. Trataram de ajustar seus interesses na Europa, na questão dos engenhos nucleares e em outros problemas em que divergem. Ampliaram sua cooperação econômica e cultural. E se afanaram em impingir a todos a idéia de que a Humanidade, sob a égide das duas superpotências, está marchando para uma era de distensão internacional, de paz.

Entrementes, os dois cabecilhas da reação tiveram def fazer face, em seus respectivos países, a questões internas algo difíceis. Nos Estados Unidos, Nixon pleiteou novamente o posto presidencial, envolvendo-se numa campanha eleitoral das mais sujas. Sua reeleição era decisiva para prosseguir na política de aliança com a União Soviética e tentar atingir os mesmos objetivos visados por seus antecessores - a salvação do capitalismo. Agora, vê-se acossado pelo rápido processo de decomposição da sociedade norte-americana, do qual a queda do dólar, a inflação, a crise energética, o escândalo de Watergate são sintomas bastante agudos. Apesar disso, continua fazendo boa cara ao mau tempo e esforçando-se para manter a fachada da democracia burguesa ianque já muito combalida. Afirma, sem corar, ter assinado uma paz honrosa no Vietnã e estar no direito de bombardear o Camboja, de intervir nos assuntos internos dos povos da Indochina. Lança um novo projeto de união dos Estados Unidos com a Europa e o Japão para substituir o desgastado tratado da OTAN, procurando, ao mesmo tempo, quebrantar as resistências dos concorrentes aos seus planos hegemônicos.

Na União Soviética, também não são menores as dificuldades de Brezhnev. A oposição das massas populares aumenta, particularmente contra as inversões de capitais estrangeiros. As nacionalidades oprimidas voltam a reclamar sua libertação do chovinismo grão-russo. Agrava-se a crise agrícola e manifestam-se outros fenômenos negativos na economia do país como resultado do regime e da política dos revisionistas kruschovistas.

Tal situação determina a necessidade urgente de Brezhnev e seus comparsas conseguirem a cooperação com os imperialistas estadunidenses. Agarram-se à ajuda de Wall Street como o afogado a uma palha. Com esta finalidade, arrancam os últimos disfarces ideológicos. Chegam a ponto de suspender restrições impostas pela lei da emigração na URSS, a fim de atender às exigências dos governantes norte-americanos e obter o tratamento de nação mais favorecida no comércio com os Estados Unidos. Tendo em mira a barganha com Nixon, fazem jogo duplo na guerra de resistência dos povos da Indochina, reconhecem o governo títere de Lon Nol e nada dizem contra os bombardeios do Camboja. Mais recentemente, Brezhnev concertou com os representantes do imperialismo germano-ocidental acordos lesivos aos interesses do povo alemão e do próprio povo soviético. Negociou indecorosamente a soberania da Alemanha

(Cont. na pag. 2)

CONLUIO SINISTRO (Cont. da la. página)
Democrática, recebendo em troca promessas de tranquilidade na Europa para empreender ações aventureiras noutros Continentes.

Nixon e Brezhnev, com suas conversações, querem impressionar e mistificar os povos. Alardeiam incessantemente o sucesso da política que defendem. Utilizam uma linguagem cheia de confiança aparente e acenam, demagogicamente, com um futuro promissor. Em sua última mensagem ao Congresso dos Estados Unidos, Nixon já não fala no "perigo comunista", pois os revisionistas se converteram em capitalistas. Concita, isto sim, a União Soviética a ser a principal associada dos monopólios ianques em seus planos expansionistas e rapaces. Agora - disse Nixon - o inimigo a combater e a destruir é o "terrorismo", referindo-se com esta palavra à resistência dos povos ao imperialismo e à agressão, à luta das massas por seus interesses, por sua independência. O chefete da Casa Branca deixa claro que o governo norte-americano continuará a armar-se, a negociar "de posições de força", a vender armamento aos reacionários e a apoiá-los em toda parte. Quer dizer, quanto mais fala em paz e respeito à soberania dos povos mais prepara guerras de agressão para subjugá-los.

Por outro lado, Brezhnev considera o radicalismo das correntes populares como o inimigo mais perigoso, porque desmascara os revisionistas, apontando-os como renegados da revolução e do socialismo. Não obstante, jura despudoradamente serem os acordos que estabelece com as potências imperialistas inspirados nos princípios revolucionários do leninismo. Promete que a Humanidade gozará de paz perpétua na medida em que se fortalecer a cooperação soviética-estadunidense. Basta, porém, lembrar como agiu na Checoslováquia e nas fronteiras da China Popular, como atuou para enfraquecer a resistência no Vietnã e nos países árabes, ou conhecer suas ~~propostas simula~~ dissimuladas propostas para a retirada de tropas da Europa, assim como a espantosa acumulação de armas em seus arsenais, para comprovar que mente com o maior cinismo.

Assim, é fácil perceber o caráter contra-revolucionário e enganoso do conluio do imperialismo ianque com o social-imperialismo soviético. A decantada "competição pacífica entre as duas superpotências longe de levar a "um mundo sem armas, sem guerras, de entendimento geral", conduz, ao contrário, à produção de mais armas, à gestação de mais guerras, à difusão da desconfiança geral. As nações prejudicadas e ameaçadas pelos planos de domínio soviético-norte-americano, bem como os povos oprimidos que estão lutando por sua independência nacional e o progresso social, têm de opor-se a essa moderna Santa Aliança e conjugar esforços para derrotá-la. Seus desejos de bem-estar e liberdade são inconciliáveis com a existência do imperialismo e do revisionismo. Estes provocam o acirramento de todas as contradições do mundo contemporâneo e tornam irresistível a tendência dos povos à revolução, à democracia e ao socialismo. Só a revolução e o socialismo poderão liquidar os exploradores e opressores e criar um mundo de fraternidade entre as nações.

As forças populares e democráticas do Brasil, nação oprimida pelo imperialismo norte-americano, precisam denunciar vigorosamente o significado contra-revolucionário do novo encontro Nixon-Brezhnev, desmascarando a maquinação dos dirigentes das duas superpotências como atentatórias ao direito dos povos e à revolução.

"Está colocada na ordem-do-dia a necessidade de organizar a mais ampla união patriótica que, sob o lema de independência, progresso e liberdade, possa aglutinar em um impetuoso movimento nacional as forças populares e as correntes democráticas. É a união para aniquilar a ditadura e postular transformações progressistas. Qualquer que seja a filiação partidária, a tendência filosófica ou religiosa, classe ou camada social a que pertençam, os verdadeiros patriotas têm o dever irrecusável de se unir para a ação comum contra os inimigos da democracia e da soberania nacional. Estão em jogo os próprios destinos da Pátria".

(Do documento político da VI Conferência Nacional ~~Extraordinária~~ do PC do Brasil)

Comentário Nacional

Rendição de Guarda

À medida que se aproxima a data fixada pelo regime militar para a chamada sucessão presidencial, acentuam-se certas divergências no panorama político do país. Mesmo com o sistema imposto pelos generais, que impede o povo de exercer qualquer influência na escolha dos governantes e até o priva do seu antigo e elementar direito de votar diretamente nos candidatos apresentados, a mudança de governo continua a provocar acirrada disputa, a gerar crises políticas, a reacender variadas expectativas. É suficiente recordar os vergonhosos episódios da substituição de Castelo Branco e do afastamento de Costa e Silva para verificar o quanto o encaminhamento da sucessão e seu desfecho originam dificuldades para os grupos dominantes.

Nas atuais circunstâncias, embora a ditadura apregoe a existência de uma Constituiçã e procure instituir um Colégio Eleitoral regido por normas a serem brevemente estabelecida o certo é que a pretendida indicação do presidente da República representa uma troca de co mando entre as camarilhas militares. O povo em sua sabedoria já denominou, com toda a razão, o revezamento dos generais no Poder como "rendição de guarda". Nem mesmo o partido governista - a ARENA - pode debater, e ainda menos escolher, nomes de candidatos. A decisão é tomada por Médici e o Alto Comando das Forças Armadas que consideram tal medida necessária para resguardar a "ordem e tranquilidade" indispensáveis à reação e aos espoliado res do povo.

No entanto, sérias divergências vêm ~~[illegible]~~ corroendo a ditadura militar que sofre cada dia maior desgaste. Cresme a pressão de diversos agrupamentos das próprias classes d minantes para que o assunto sucessório seja sequer ventilado. Garrastazu fez o que pôde p ra impedir o debate. Intensificou a campanha repressiva, lançou novos "projetos-impactos" tentou encurtar os prazos para a desincompatibilização dos pretendentes ao cargo. Visava, assim, a garantir a indicação de um dos elementos de sua grei para a função presidencial. Tais manobras não vingaram. É o que dá a entender a notícia divulgada nos bastidores de que houve acordo entre o grupo governante e o grupo dos Geisel para indicar o general refo mado Ernesto Geisel, presidente da Petrobrás e irmão ao atual ministro do Exército, como su tituto de Médici.

A base do ajuste seria a continuidade do denominado processo revolucionário de 1º d abril e a preservação da ditadura que vem realizando o mais desbragado entreguismo, aplic do o terror contra o povo, estrangulando as aspirações nacionais de cultura, progresso, d mocracia e independência. Sabe-se também que o caso não está encerrado, que as barganhas prosseguem e existem outros ajuntamentos ambicionando o posto. Cada facção militar procu ra reforçar as respectivas posições. A própria camarilha de Médici não abandonou seus ob jetivos. Com a votação a toque-de-caixa e a posterior sanção das leis demagógicas sobre previdência social, as áreas metropolitanas e o estatuto do trabalhador rural, quer neste instante aparecer como um governo que distribui de modo justo a renda nacional e melhora vida dos trabalhadores. Simultaneamente, urde tramas para afastar do cargo o ministro do Exército, Orlando Geisel, aventando a idéia de os ministros militares do novo governo ser por ele, Garrastazu, nomeados e empossados ainda este ano.

Por sua vez o grupo dos Geisel de há muito semeia ilusões sobre um pretenso naciona lismo do dirigente da Petrobrás. Divulga que ele pertence a uma ala liberal do regime ca trense. Insinua igualmente que o ministro do Exército não é cúmplice da política pró-ianq e liberticida do governo atual. O povo, entretanto, tem boa memória. E os fatos envolven esses dois generais são recentes, estão muito frescos para ser facilmente olvidados. Erne to Geisel é reacionário e entreguista conhecido. Foi um dos principais artífices do golp de 1964 e da atual ditadura terrorista. Na direção da Petrobrás, jamais demonstrou posiç nacionalista. Ao contrário, tem procurado desmoralizar e minar o monopólio estatal do pe tróleo, abrir caminho à participação do capital estrangeiro na exploração dessa riqueza e negar a existência de grandes fontes do óleo negro no país. O grupo dos Geisel não prete de abolir a ditadura e sim reforçá-la.

É claro que o problema sucessório interessa, de certo modo, à oposição popular. Não, evidentemente, para servir de respaldo a manobras de supostas alas liberais dos mili tares contra outras alas reacionárias e fascistas, mas para levantar com redobrada energ a bandeira das reivindicações e dos direitos do povo, das liberdades essenciais, entre es tas a da escolha livre e direta do presidente da República. Os oportunistas nutrem esper ças na possibilidade de "abertura democrática" através de componendas entre as camarilha militares. São partidários de soluções de compromisso, concórdia ou coisa parecida, prej ciais à luta consequente contra a ditadura. Enquanto o país estiver sob a tutela dos ge rais e o povo reprimido violentamente, a sucessão presidencial não passa de um embuste

VII Congresso das mulheres albanesas

Nos primeiros dias do mês corrente, a Albânia Socialista revelará mais uma vez às mas-
sas exploradas de todos os Continentes, sua face luminosa, a vitalidade de seu regime, o es
plendor de sua perspectiva comunista. Em Tirana, realizar-se-á o VII Congresso da União das
Mulheres Albanesas, reunindo delegadas das mais diferentes atividades e dos mais distantes
rincões da pátria, que debaterão seus problemas e estudarão a melhor maneira de prosseguir v
toriosamente na luta pela construção e consolidação da nova sociedade, sob a sábia direção d
Partido do Trabalho da Albânia. Assistirão como convidadas ao conclave delegações fraternai
de nações socialistas e amigas, representantes de organizações ~~de lugares onde os trabalhado~~
~~res e o povo ainda vivem oprimidos, entre as quais uma delegada do Brasil~~ e correntes polít
cas de lugares onde os trabalhadores e o povo ainda vivem oprimidos, entre as quais uma dele
gada do Brasil. Elas levarão ao Congresso as saudações entusiásticas das mulheres de suas
terras e recolherão as experiências vividas, pois os temas em debate interessam sobremaneira
movimento operário, democrático e revolucionário do mundo.

O grau de emancipação alcançado pela mulher é a pedra de toque do progresso social em
qualquer parte. Nos países capitalistas e revisionistas, embora ela tenha obtido certos di-
reitos através de movimentos específicos e de lutas democráticas e revolucionárias do povo,
grande maioria continua submetida a toda sorte de discriminação. Sobretudo a mulher trabalh
dora sofre constantes humilhações, sua vida é dura, amarga e sem esperanças. Diante da expa
são do parasitismo e da degenerescência social, mais terrível apresenta-se o seu futuro. Só
o socialismo proletário pode libertá-la dos sofrimentos e do jugo milenar. Com a liquidaçã
da propriedade privada e das classes exploradoras, o estabelecimento de relações de produção
socialistas e a ação permanente para extirpar todos os privilégios será assegurad
a efetiva igualdade de direitos entre o homem e a mulher.

Assim vem ocorrendo na Albânia. Desde o primeiro momento da instauração do Poder Popu-
lar e da construção do socialismo, o problema da emancipação
da mulher passou para plano destacado, afeto a toda a sociedade, embora continuasse também a
ser tratado de modo específico. Tal problema - disse o camarada Enver Hodja - assumia maior
importância por causa do imenso atraso do país que tornava mais pesada sobre esta parte da p
pulação a herança da opressão e dos costumes retrógrados. Nestas quase três décadas, verifi
caram-se profundas transformações na vida da mulher albanesa. Dia a dia, ela se livra da es
cravidão doméstica, amplia seus direitos econômicos, políticos e sociais, descortina amplos
horizontes para sua existência, afiança o respeito granjeado como força atuante e indispensá
vel à edificação do novo regime. Em proporções sempre crescentes, integra o contingente d
trabalho das cooperativas, fábricas, escolas, instituições científicas, da defesa militar. I
portantes ramos e organismos da produção estão confiados à sua exclusiva responsabilidade.
Atua nos núcleos de base e comitês da Frente Democrática e de outras organizações de massa.
Milhares delas ocupam cargos nos órgãos locais do Poder e inúmeras encontram-se em postos de
direção nacional. Em proporção cada vez mais significativa, militam nas fileiras do glorios
Partido do Trabalho da Albânia. São combatentes de vanguarda, marxistas-leninistas, revoluci
nárias e dignas dirigentes do proletariado e do povo albaneses.

A revolução na Albânia se desenvolve, se aprofunda. Os avanços nos terrenos econômico,
científico, técnico e cultural exigem e provocam transformações políticas, ideológicas, espi
rituais. Em consonância, surgem no país potentes iniciativas de massas, grandiosas tarefas
são levadas a cabo para fortalecer a economia socialista, reforçar a defesa da Pátria, conso
lidar a ditadura do proletariado e elevar a consciência socialista do povo. Por isso, o Par
tido do Trabalho e o camarada Enver Hodja enfatizam que, nas atuais condições, é preciso pro
seguir energicamente a luta para incorporar mais ativamente o setor feminino em todos os as-
pectos da vida nacional, romper com os preconceitos e hábitos feudais, burgueses, patriarcai
e religiosos que ainda dificultam a total participação da mulher na construção da sociedade.

Saudamos com alegria os êxitos e a luta de nossas irmãs albanesas. Estamos convencidos
de que grandes vitórias coroarão seus esforços abnegados para alcançar a emancipação comple-
ta. Auguramos que os objetivos a que se propõem sejam plenamente atingidos. E continuare-
mos a inspirar-nos em seus exemplos para levar adiante a luta pela emancipação da mulher no
Brasil, livrar nosso país da exploração e da opressão, conquistar o direito de construi
como na Albânia, uma vida bela e feliz.

A Quem Serve o Governo

A carta do sr. Cirne Lima renunciando ao cargo de ministro da Agricultura foi, na ve dade, uma denúncia pública da política econômica de Delfim Neto, isto é, da política econ mica do governo de Médici. Entre outras coisas, diz o ex-ministro: "Infelizmente,os meca nismos governamentais, visando o abastecimento interno, sem atingirem a estabilidade (dos preços) desejada pelo consumidor urbano, mais tem favorecido o setor industrial e comerci al de exportação, crescentemente estrangeiro, e tornando cada vez menos brasileiros os re sultados da prosperidade do país" (se são"cada vez menos brasileiros", o sr.Cirne Lima nã tem razão de falar em "prosperidade" do país). E mais adiante: "A busca da eficiência e produtividade, certamente necessárias, tem esmagado, de outra parte, os interesses do méd produtor rural, do pequeno ou médio industrial ou comerciante, estes, brasileiros, em ben fício daquelas corporações multinacionais". Aqui, o sr. Cirne Lima, porta-voz dos latifu diários do gado, toma a defesa da burguesia nacional, tratando de atrair aliados para a s posição contra Delfim Neto. "A remuneração do capital, também cada vez menos brasileiro faz com que o endividamento externo, o balanço de pagamentos, e, internamente, o custo do dinheiro, tornem quase impossível as reduções inflacionárias desejadas, a não ser com des proporcional custo a ser pago por outro setor, no caso, o agrícola". Em outras palavras, a política econômica da ditadura, toda ela, sob vários pretextos, dirigida no sentido de neficiar prioritariamente os investimentos estrangeiros, é incompatível com a diminuição ritmo dos aumentos dos preços, apregoada como objetivo já em vias de consecução. O gover tenta contornar ou mascarar esta situação através de medidas artificiais e ineficazes, co trárias às leis do mercado, (estas sim de efeitos obrigatórios em qualquer economia capit lista), como o tabelamento dos preços dos alimentos ou a limitação das exportações de car e outros produtos agrícolas. "Creio (...) - diz o ex-ministro - que o maior problema adv da debilidade de nossas instituições, desproporcional ao crescimento de alguns poucos int resses (evidentemente estrangeiros) dentro do país e estes estão vinculados ao arbítrio d alguns administradores". Invertendo a ordem, o sr. Cirne Lima está dizendo que alguns ad- ministradores, como o ministro da Fazenda, estão ligados a interesses internacionais e fa- zem o que querem. É ainda a Delfim Neto que Cirne Lima se refere quando alude a "um cole também ministro de Vossa Excelência", como tendo afirmado que "o governo é um ente essenc almente a-ético", ou seja: lança sobre o titular da Fazenda a acusação de adotar uma filo- sofia de governo amoral e cínica.

Os trechos da carta acima transcritos expressam fielmente a realidade na medida em q mostram a desnacionalização da economia, a proteção escandalosa do capital estrangeiro, o consequente endividamento do país e o caráter enganoso da orientação dita antiinflacioná- ria. É particularmente verdadeira a denúncia de que os articuladores da política econômi- ca da ditadura são agentes das oligarquias financeiras do exterior. Estas verdades não novas para os brasileiros conscientes e que vêm acompanhando o desvario entreguista do re- gime militar. Tais denúncias, no entanto, adquirem relevo especial quando feitas por um nistro do próprio governo.

Por que razão o sr. Cirne Lima, ministro de Médici há três anos, veio agora a públic denunciar tais verdades? O ex-ministro da Agricultura é homem dos estancieiros de gado d Rio Grande do Sul, sendo ele próprio criador. Veio da presidência da FARSUL (Federação da Associações Rurais do Rio Grande do Sul, órgão de classe dos fazendeiros gaúchos) direta- mente para o ministério a fim de beneficiar os grandes pecuaristas. Até há pouco tempo, estes senhores não tinham maiores motivos de queixa do Poder central. Pelo contrário. Afi nal, é a ditadura militar quem assegura a "ordem" nos campos, reprimindo os camponeses que lutam pela terra. Acontece que o governo de Médici é um novelo de contradições. Há seto- res, incluindo militares, que se opõem a Delfim. Em vários momentos, desde o início do a- no passado, o ministro da Fazenda enfrentou críticas nos bastidores governamentais. Seus adversários, entre outras coisas, brandiam o argumento de que o custo de vida continuava s bindo, apesar de todas as estatísticas oficiais. As coisas se agravaram para Delfim Ne- to quando os preços de alguns produtos, como a carne, subiram no mercado mundial, o que es timulou a exportação e determinou escassez e aumento de preços no mercado interno. A care tia no começo deste ano, deu verdadeiros saltos. Nestas condições, e considerando que o ano é de sucessão presidencial, Garrastazu se viu forçado a posar demagogicamente de defen sor do consumidor brasileiro e anunciou medidas limitativas das exportações de carne e ou- tros produtos agrícolas, ordenando o tabelamento dos preços. Estas providências não resol vem o problema do custo de vida e da falta de alimentos. Destinam-se, porém, a criar a ima gem de um governo disposto a enfrentar os poderosos interesses dos fazendeiros em defesa d grande massa de consumidores. Tais medidas irritaram os pecuaristas e iniciou-se assim conflito entre seu principal representante no ministério, o sr. Cirne Lima, e o deter

(CONTINUA NA PÁGINA 6)

Derrota dos Gen. Argentinos

Após ter vivido durante vários anos sob o guante de uma ditadura militar, a Argent: na elegeu um novo Presidente da República. A posse do peronista Hector Câmpora no mais al cargo do país constituíu acontecimento político de projeção continental. Os generais deix: ram o Poder escorraçados pelas massas populares, desmoralizados e condenados pela opinião ; blica em consequência dos graves danos que causaram à nação irmã.

A Argentina voltou a desfrutar de liberdades democráticas. O novo governo concede anistia aos presos políticos, revogou a famigerada lei de exceção, dissolveu o departament de polícia política assim como os tribunais destinados ao julgamento de cidadãos que se op nham à ditadura. Câmpora declarou que as Forças Armadas tinham que se subordinar aos pode- res constituídos e respeitar a Constituição e que o país estabeleceria relações diplomátic com todas as nações do mundo.

Esta nova situação não é dádiva do Olimpo. É importante conquista das massas popu- lares. O povo argentino não se submeteu à tirania, lutou energicamente pelos seus direito A classe operária, em particular, jogou destacado papel na resistência democrática. Defen- deu sua organização sindical, não permitiu aos generais implantar o arrôcho salarial e des- carregar todo o peso da contenção inflacionária sobre os ombros dos trabalhadores. Podero- sas greves eclodiram. O levante de Córdoba foi uma jornada heróica que pôs em evidência a força do proletariado e o que ele é capaz de fazer quando se une e se dispõe a enfrentar s inimigos. Esta ação revolucionária serviu de advertência séria ao regime dos militares e lou o destino da ditadura. Daí por diante, os generais cambalearam e procuraram uma saída política. Tampouco o movimento popular deixou-se esmagar. Em que pese a repressão, as ma sas estiveram constantemente mobilizadas em defesa da liberdade, no repúdio ao militarismo e contra os imperialistas norte-americanos. As ações populares culminaram, no dia da poss com gigantescas manifestações de rua. O povo expulsou da praça pública os militares e pol ciais, arrancou os presos dos cárceres, enxotou o representante de Nixon, obrigou os reaci nários a sair da Casa Rosada pela porta dos fundos, pôs em pânico os agentes e lacaios do imperialismo e da reação interna.

A derrota fragorosa dos generais argentinos é muito significativa. Eles governara discricionariamente a Argentina durante sete anos. Decretaram leis de exceção para punir triotas e democratas, proibiram as greves, torturaram e trucidaram presos políticos, abrir as portas do país ao capital estrangeiro. Tal como seus colegas brasileiros, opuseram-se a antigos políticos pretendendo criar uma nova elite dirigente, separada do povo e contra o vo. E qual foi o resultado ? A Argentina está mais endividada do que nunca. Sobe a 6 bi lhões de dólares sua divida externa, a espoliação imperialista aumentou e o país debate-se numa crise econômica e social de profundidade. Politicamente, ao invés da nova elite, vol tou à cena, e com mais força ainda, o peronismo, há dezesete anos afastado do Poder. O pre tígio da Argentina no Continente chegou ao ponto mais baixo.

(Continua na pag. 7)

A QUEM SERVE O GOVERNO (continuação da pag.5)

da Pasta das Finanças. Os criadores de gado passaram a atacar Delfim nos seus flancos mais vulneráveis, mostrando que a limitação das exportações de carne contrariava o seu próprio lema de que "exportar é a solução", denunciando, principalmente, o favorecimento que o gov no concedia ao capital estrangeiro, abrangendo a exportação. Delfim fez algumas concessõe fiscais aos latifundiários, mas manteve a farsa do tabelamento e as restrições à exportaçã A renúncia e a carta de Cirne Lima constituem o epílogo deste conflito que se prolongo por todos os primeiros meses do ano. Delfim obteve a vitória, uma vitória certamente cara mas que mostra a força dos seus padrinhos: os monopólios estrangeiros, dos quais, aliás, o governo depende para poder continuar a sua ópera-bufa do "milagre brasileiro", encenada na base do dinheiro emprestado por esse mesmo capitalismo internacional.

A contenda constituíu uma grave crise que o governo tentou esconder proibindo, atravé da censura, que os jornais a comentassem. Indica que as mágicas de Delfim já são insuficie tes para atender a todos os interesses que a ditadura procura representar. Mostra também que em hipótese alguma, nessa difícil distribuição de vantagens, o capital estrangeiro é a tingido. O Ministro da Fazenda prefere arranhar na pele dos fazendeiros, embora mais adia te trate de satisfazê-los, quando não mais existirem os motivos políticos que o levaram a esse passo. Porque, de qualquer maneira, se trata de um conflito passageiro e conjuntural que não coloca os latifundiários ao lado do povo e contra o imperialismo. Afinal, é para o países imperialistas que eles vendem sua carne. Mas a controvérsia serviu para que alguma verdades surgissem, de fonte insuspeita, e para demonstrar que a aparente unidade do

DERROTA DOS GENERAIS ARGENTINOS (cont. da pág. 6)

Círculos reacionários brasileiros procuram fazer paralelismo com a situação do Br sil, onde estariam ocorrendo "milagres". Tentam demonstrar que as Forças Armadas argenti- nas não souberam aplicar uma política correta, no caso a que Médici e seus comparsas vêm pondo em prática. Mas a orientação dos generais platinos, em essência, foi a mesma dos g nerais brasileiros - uma política antinacional e antipopular, apoiada no capital estrange ro. Seus resultados serão semelhantes, no Prata como no Brasil.

O povo argentino venceu uma batalha, mas não ganhou a guerra. Os militares, hoje mais odiados pelas massas do que antes, recuaram, indo bater às portas de Peron em busca um "acordo geral" para salvar o regime. Derrotados, fecharam-se nos quartéis. Continuam porém, a ser os esteios principais da reação. O novo governo, por sua estrutura de class - representa fundamentalmente a burguesia nacional - tende à conciliação com os piores in migos do povo. O justicialismo, agora revestido com nuances socialistas, não resolverá o problemas básicos da nação. Seu reformismo está condenado ao fracasso. A Argentina, com o Brasil, precisa solucionar as questões cruciais do seu desenvolvimento, ou seja, a liqu dação da estrutura arcáica baseada no monopólio da terra e na dominação imperialista e o tabelecimento de um regime político autenticamente democrático. A consecução deste objet vo exige a direção da classe operária no processo revolucionário. Ganhar as grande massas para esta posição, o que implica numa tática hábil e bem ajustada à realidade com- plexa do país, é a tarefa primordial dos elementos de vanguarda.

As correntes progressistas do Brasil saúdam os notáveis êxitos do povo vizinho. Os gorilas de Brasília temem a nova situação criada na Argentina. Mas a queda de Lanusse e derrocada da ditadura favorecem imensamente o movimento democrático e antiimperialista de do o Continente. A vitória das massas populares argentinas é também uma vitória das forç populares do Brasil.

TRABALHADORES Reivindicam Direitos

O movimento operário brasileiro, apesar de fortemente controlado pela ditadura mili procura reagir em defesa do nível de vida dos trabalhadores. Às vesperas do 1º de Maio, rias entidades sindicais de São Paulo, o maior centro industrial do país, expressaram in- conformismo com a política econômico-financeira do governo e a carestia de vida e denunci ram a queda acentuada do salário real que se verificou depois de 1964.

Uma comissão representativa de 37 sindicatos metalúrgicos, categoria que engloba uns 450 mil operários, dirigiu memorial a Garrastazu Médici no qual pleiteia as seguintes med das:

"1) política salarial mais flexível e restabelecimento do poder aquisitivo das classe trabalhadoras vigente em 1965; 2) restabelecimento da competência normativa da Justiça d Trabalho; 3) livre contratação, entre empregados e empregadores, na celebração de acordos e convenções coletivas de trabalho, sem qualquer restrição; 4) taxa de produtividade, par efeito de reajustamento salarial, determinada por setor de categorias profissionais e eco- nômicas interessadas; 5) fixação da taxa de produtividade nacional para as categorias que não ultrapassem aquele limite; 6) instituição de medidas coercitivas para o combate e a contenção ao aumento do custo de vida, especialmente dos gêneros de primeira necessidade".

Em outro documento - um estudo endereçado ao ministro Júlio Barata - dirigentes de 12 Federações de Trabalhadores da Indústria assinalam a perda de substância dos salários nestes últimos anos e sugerem a elevação dos níveis atuais do salário-mínimo. Em 1958 -diz o estudo- o salário mínimo era de Cr$ 5.900,00 (moeda antiga) e/em 1972, de ...... Cr$ 268,80 (moeda nova). Mas em termos reais, o salário mínimo de 1972 equivalia a ...... Cr$ 2.170,00 (moeda antiga) do de 1958, ou seja, menos da metade. Mostra a seguir que um operário, para comprar os seis quilos de carne estipulados pelo decreto que estabele- ceu o salário-mínimo, teria de trabalhar, em 1965, 26 horas e 24 minutos; em 1971, 42 ho- ras e 42 minutos; e em 1972, 46 horas e 30 minutos. Enfim, conclui o estudo, para que um operário pudesse satisfazer suas necessidades mínimas de alimentação, alojamento, trans- porte, vestuário e higiene, deveria ganhar atualmente mais de mil cruzeiros mensais. To- dos os cálculos estão baseados nos preços vigorantes em fins de 1972, no município de São Paulo.

O memorial e o estudo elaborados por iniciativa dos Sindicatos de trabalhadores pau- listas são indício do enorme descontentamento da classe operária com o estado de coisas

(cont. na pag.8)

TRABALHADORES REIVINDICAM SEUS DIREITOS

(continuação da pag. 7)

imperante, de sua repulsa ao arrocho salarial. Não por acaso os dirigentes sindicais, em geral ligados ao Ministério do Trabalho e à Polícia, se viram obrigados a exprimir, em certa medida, a animosidade que reina nas fábricas e nos lares operários contra a política de fome dos governantes. Mesmo procurando alimentar ilusões na possibilidade de que os generais no Poder venham a atender as justas reivindicações das massas, tiveram de formulá-las de maneira relativamente objetiva.

Mas é evidente que a ditadura não vai abandonar sua orientação antioperária e entreguista porque sobre ela se assenta o chamado "milagre brasileiro" que favorece apenas a minoria de exploradores e opressores do povo. Haja vista que a 1º de Maio, Médici decretou o novo salário-mínimo com o irrisório acréscimo de 16%, quer dizer, elevou-o para Cr$ 312,00. Em relação à carestia de vida as medidas anunciadas pelos militares para contê-la não passam da mais deslavada demagogia. Nos cinco primeiros meses do ano, o aumento de preços das utilidades foi muito maior do que os de igual período de 1972.

Para conquistar seus direitos, ainda os de menor importância, a classe operária terá de travar uma luta decidida e reforçar sua unidade, a partir das fábricas. Deve bater-se para obter as liberdades sindicais e demais prerrogativas democráticas. Além disto, precisa recorrer a meios vigorosos de ação. Memoriais e outras formas elementares de pressão, se não forem acompanhados de procedimentos mais enérgicos, como as greves e manifestações de rua, de nada adiantarão. O proletariado brasileiro sabe, por experiência própria, que sua voz só será ouvida e seus reclamos atendidos quando apelar para ações poderosas. Diante de uma ditadura terrorista e fascista, mais imprescindível se faz o recurso à mobilização proletária intensiva para conseguir a vitória da nobre causa da democracia e da justiça social.

OUÇA DIARIAMENTE

Rádio Tirana: (31 e 42 metros)

Das 20 às 21 hs. e das 22 às 23 hs.

Rádio Pequim: (25 e 31 metros)

Das 19 às 20 hs. e das 21 às 22 hs.

INTRÉPIDAS COMBATENTES DA LIBERDADE

(Continuação da página 9)

e pelos Direitos do Povo". Conhecem ítem por ítem o programa da União, que diz respeito a sua própria vida. Levam-no a toda parte e se mobilizam para criar núcleos desse movimento.

A violência da reação contra as mulheres que lutam no sul do Pará é intensa. Muitas são as que foram presas, espancadas e torturadas, as que tiveram suas roças queimadas pelo napalm, seus barracos destruídos. Algumas tombaram nos recontros com as forças do governo. Morreram com as armas na mão fazendo frente aos ~~fascistas~~ que se opõem à liberdade. A história de suas vidas e de suas mortes se transformam em lendas.

São heroínas do povo brasileiro as destemidas guerrilheiras do Araguaia.

Intrépidas Combatentes da Liberdade

O movimento revolucionário no Brasil ganha força. Comprova-o a participação ativa e sempre maior da mulher nas diversas frentes de combate. Particularmente depois do golpe militar de 1964, o elemento feminino destaca-se em atos corajosos contra a ditadura.

As forças repressivas tratam brutalmente as jovens que combatem pela liberdade. Os carrascos policiais e os militares usam os processos mais infames nos interrogatórios e as submetem a vexames monstruosos. É grande o número das que se acham presas ou condenadas. Muitas vivem na clandestinidade. Entre as pessoas assassinadas pela polícia por motivos políticos contam-se dezenas de mulheres. Deram suas vidas, em plena juventude, combatendo a tirania.

A mulher está presente em todo lugar onde se protesta: na fábrica, no campo, na escola, no teatro, na praça pública. Muitas são as que participam da resistência armada no sul do Pará.

Nessa região, a mulher põe à prova seu espírito de sacrifício e sua capacidade de luta, defendendo uma causa justa. Combate e trabalha ao lado do homem nas mais difíceis condições. Não escolhe tarefa. De arma no ombro, olhos e ouvidos atentos, vai a toda parte em que se faz necessário. Domina o labirinto da selva, realiza missões perigosas com elevado ânimo revolucionário. Não teme a morte. É intrépida nos choques com as forças do inimigo brutal e armado até os dentes que, tentando esmagar a resistência do povo, se reveza, aos milhares, na zona conflitada.

Em sua magnífica reportagem sobre os guerrilheiros do Araguaia, o jornalista Osmar Luís destacou a figura de uma moça bastante conhecida nos meios estudantis, Elenira Machado, que, perseguida pela reação, deixou a faculdade indo viver entre os camponeses. Ela não teve dificuldade para se adaptar à vida do interior. Pessoa simples e possuidora de grande espírito de fraternidade, ligou-se facilmente às massas pobres do campo, aprendendo com os moradores locais a caçar, pescar, plantar, conhecer estradas e veredas, a alimentar-se com os recursos à mão. Trabalhava na roça e pesquisava as diversas formas de sobrevivência na mata. Esta aprendizagem lhe foi utilíssima quando, em abril do ano passado, teve que embrenhar-se na floresta para resistir ao ataque dos soldados do governo de Médici. Sempre demonstrou muita coragem e firmeza diante do inimigo. Considerava de fundamental importância a atividaie política nas áreas rurais. Não subestimava, porém, o papel que as cidades e a juventuie desempenham no processo revolucionário. Ao jornalista transmitiu uma mensagem para os estudantes: "Empunhem firmemente a bandeira da liberdade, não deem tréguas à ditadura. Quem persiste na luta acaba triunfando".

Outra destacada combatente da resistência popular é uma jovem com instrução superior, conhecida pelo nome de Dina. Trabalhou durante vários meses no povoado de S. Geraldo, defronte da cidade de Xambioá, sendo muito estimada pela população. Mais tarde, instalou-se numa região de posseiros no município de Conceição do Araguaia. Sua característica principal é a aptidão para se aproximar da gente humilde. Desde as crianças até os velhos, todos encontram facilidades para tornar-se amigos desta extraordinária mulher que dedica sua vida aos interesses do povo. Para servi-lo, Dina aprendeu noções de enfermagem, chegando mesmo a realizar partos difíceis. Depois do assalto das Forças Armadas contra os habitantes da zona em que residia, ela se transformou em guerrilheira. Inteligente e corajosa, ddfendeu-se com energia, causando pânico entre os militares. O Exército pôs sua cabeça a prêmio. Dina enfrenta com serenidade e grande compreensão revolucionária as condições adversas de existência. Vive na selva, dorme ao relento, alimenta-se irregularmente, sempre cheia de entusiasmo e confiança no futuro.

Muitas outras mulheres guerrilheiras comportam-se bravamente. Seus nomes e seus feitos, já famosos entre a população regional, serão amanhã conhecidos em todo o país. Elas escrevem uma página de heroísmo na história do movimento popular e democrático do Brasil.

Após o surgimento da guerrilha, são inúmeras as mulheres das cercanias do Araguaia que passaram a se interessar vivamente pela solução dos problemas locais. Debatem as causas do sofrimento dos lavradores, o caminho para sair da miséria e acabar as injustiças. Querem saber como atuam os camponeses de outras regiões, como os operários e os estudantes defendem seus direitos. Gostam de ouvir relatos sobre a vida dos camponeses da China e da Albânia. São ativas participantes do movimento popular "União pela Liberdade

(Continua na pag. 8)